ANNO XIV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 8 DE ABRIL DE 1900 N.° 828 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

O POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 34

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.° Anno

CONTINUANDO

Já dissémos aqui que Edmond Demolins sustenta, n'esse celebre livro, a que a imprensa de todo o mundo dedicou largos artigos de critica,—*A quoi tient la superiorité des Anglo-Saxons?*,—que é o espirito individualista da Inglaterra, independente e livre, que faz a força d'aquella grande nação.

Na Inglaterra não ha aristocracia de sangue nem aristocracia militar. O inglez não funda o seu patriotismo no *sentimento religioso* mas na independencia da vida particular.

Esta é a these de Demolins. E a prova de que o famoso publicista francez conseguiu pôr a lume grandes verdades está na sensação que o seu livro produziu na propria Inglaterra, onde toda a imprensa o discutiu, reconhecendo a justeza das suas observações.

«Aqui (Inglaterra) o homem considera essencialmente que a Patria é o lar e que o interesse intangivel que elle deve defender contra tudo e contra todos é a *liberdade completa d'esse lar e d'aquelles que o habitam*. Para elle, a patria politica só tem por fim facilitar a conservação da inpendencia particular. Elle não considera o homem creado essencialmente para a patria, mas a patria para o homem. *Preoccupa-se menos com ser cidadão d'um grande paiz do que cidadão livre.* Para dizer a verdade, *elle é homem antes de ser cidadão.*

Para precisar a fórma que reveste o patriotismo n'estas populações, basta recordar alguns factos conhecidos de todos e bem caracteristicos.

O primeiro é a facilidade extraordinaria com que o individuo se expatria sem idéa de voltar. E não se trata d'uma expatriação para as visinhanças da fronteira, mas para longe, muito longe, para outros céos, muitas vezes para os antipodas. O colono anglo-saxão tem manifestamente o sentimento de que leva a patria comsigo, de que patria é todo o logar do mundo *onde elle seja livre.*

O segundo facto é a independencia das colonias vis-à-vis da mãe patria. Mesmo quando lhe ficam unidas manteem para com ella uma grande independencia, administrando-se a si proprias, gosando, ellas tambem, do *self-government*; não consideram que o amor da patria consista em se deixar conduzir e explorar por ella. Mas essa propria união com a mãe patria é passageira; não se prolonga além do periodo de formação e de educação: as colonias inglezas, como os jovens inglezes, tendem a expatriar-se. E' assim que a Inglaterra já viu os Estados-Unidos separar-se d'ella e que vê accentuar-se cada dia as tendencias separatistas da Australia, da Nova Zelandia, do Canadá e do Cabo.

Uma terceira manifestação não menos caracteristica, é o *repudio completo do militarismo*. A Inglaterra, que tem, entretanto, quatro vezes mais subditos do que as outras potencias da Europa reunidas, é, entre os grandes estados europeus, o que se apoia sobre o exercito permanente menos consideravel. Uma particularidade, que melhor mostra até que ponto estes povos estão pouco organisados para a guerra, é esta. Diz Réclus—*Nouvelle Géographie Universelle*—que «o recenseamento militar não existe na Inglaterra e que o governo não póde levantar, entre o povo, homens capazes de lhe servirem para combater as vontades do mesmo povo: todos os annos as forças militares seriam licenciadas de facto, se o Parlamento não votasse a sua conservação. Em principio, o monarcha não tem o direito de conservar um exercito permanente sem a sancção da camara dos communs, que fornece os fundos necessarios e que proclama, annualmente, o *Mutiny Act*, segundo o qual foi instituido o codigo militar.» Notemos que tambem não ha recenseamento para a marinha: os marinheiros proveem, como os soldados, de alistamentos voluntarios.

Nos Estados-Unidos o exercito é ainda mais reduzido.

Estas tendencias anti-militaristas salientam-se ainda pelo desenvolvimento das associações em favor da paz, que só na Inglaterra e nos Estados-Unidos se teem estendido sériamente. Emquanto que as diversas sociedades francezas não contam mais de 1:200 socios, emquanto que a unica sociedade allemã mencionada não conta mais de 70, as cinco sociedades inglezas contam por si sós 25:000 adherentes, sem falar na *Peace-Society*, fundada em 1816, que conta muitos milhares d'elles. Nos Estados-Unidos uma só sociedade tem milhões de socios, sem falar em outras sociedades innumeraveis do mesmo genero que progridem dia a dia.»

N'outra parte, estuda Demolins o *patriotismo fundado sobre o sentimento religioso*, esse que as *Novidades* nos apontam como exemplo, e, negando que elle exista na Inglaterra, escreve:

«O caracter proprio d'esse patriotismo é absoluto e terrivel porque se apoia n'uma doutrina religiosa que não transige. E' sobretudo temivel porque não subjuga só os corpos, mas tambem os espiritos e as almas. Não contente de obrigar os vencidos a submetter-se, impõe-lhes tambem a obrigação de crêr. «Crê ou morres.» Esse patriotismo tem ensanguentado a historia durante seculos e apresenta-se á razão humana carregado de crimes execrandos. Os patriotas d'esse genero são os peiores dos simoniacos, porque, de sabre ou de pau na mão, traficam com as coisas santas em proveito das suas paixões, do seu odio ou das suas ambições.»

E acaba de desenvolver estas affirmações no ultimo capitulo do seu livro, onde affirma, em paginas seguidas, que a moral religiosa nunca produziu senão epochas e governos abominaveis.

D'onde se conclue que o periodico *Novidades* especula torpemente com a falta de cultura geral n'este paiz quando affirma que a força da Inglaterra provem do seu espirito religioso e monarchico.

Na Inglaterra não existe o predominio religioso, nem aristocrata, nem burocrata, nem militar. A causa do esplendor d'esse paiz é apenas o espirito da liberdade e da independencia humana. Nenhum outro povo do mundo é livre como o povo inglez. Em nenhum outro o sentimento democrata está tão arreigado e é tão profundo. Todos os grandes escriptores, com Taine á frente, o escreveram. E confirmou-o Demolins, n'esse livro recente, que foi recebido com applausos em todo o mundo culto, que provocou largos artigos de critica favoravel em toda a imprensa, incluindo a mais auctorisada imprensa dos Estados-Unidos e da Inglaterra.

E esta deve ser insuspeita!

Portanto, se alguem tinha direito a invocar exemplos no esplendor da Inglaterra eram os amigos da democracia e nunca os amigos da reacção. Comtudo, succede o contrario em Portugal.

Ora que papel *Novidades*, e outros, sob o ponto de vista do partidarismo indigena, desejem o triumpho da Inglaterra na contenda em que anda mettida, comprehende-se, como se comprehende que, sob o mesmo ponto de vista, os periodicos republicanos, até certo ponto, desejem o contrario. Essa nação, que tudo deve ao seu espirito de liberdade e de progresso, é, entre nós, um sustentaculo do retrocesso do despotismo religioso e civil. Mas que nos falem no sentimento religioso dos inglezes para explicar o poderio da Inglaterra, ou é de velhacos ou de tolos.

Os anglophilos que escolham.

Foram prorogadas ás côrtes até ao dia 12 de maio.

Não era de esperar outra cousa.

NO CONFESSIONARIO

Foi valentemente socado na sachristia da egreja de S. Christovão de Mafamude (Gaya) um padre por um chefe de familia, em virtude de perguntas que no confessionario havia dirigido a uma filha d'este.

O caso já foi entregue ao poder judicial, sendo de esperar que no tribunal se liquidem as responsabilidades do padre.

Os paes de familia, que sejam precedentes, não necessitarão, porém, de se vêr collocados na necessidade de defender a pudicicia de suas filhas, batendo em confessores que prevaricaram. Ha um meio mais efficaz: não as mandar confessar, porque com isso nada perdem.

Feira de Março

Póde-se por este anno dar por terminado este importante mercado annual que se realisa n'esta cidade.

Parece que os expositores não se dão por arrependidos em concorrer a elle porque, segundo nos dizem, fizeram boa venda, apezar do lavrador se retrahir a algumas compras que mais necessarias se lhe tornam para a vida domestica.

O mez de abril está sendo pouco favoravel á agricultura.

O graniso que tem cahido e o frio que tem feito, deve ter influido bastante nas terras que o lavrador já semeou.

A PROPOSITO DO PADRE

Continuemos hoje a traduzir Jules Bastide sobre os Albigenses:

«Quando Roma soube que existia assim quasi ás suas portas um paiz onde estas differentes seitas viviam em paz, sentiu que havia n'isso perigo para os seus interesses espirituaes e temporaes, em outros termos, o seu orgulho e a sua ambição inquietaram-se e mandou legados para Toulouse afim de saber ao certo o estado das coisas. Era o momento em que o papado tinha chegado ao seu maior grau de desenvolvimento, em que derrubava o imperio do Oriente e se apoderava de Constantinopla.

Reinava Innocencio III: quando os seus legados lhe fizeram o quadro do que se passava na França meridional, ficou assustado. A turba ignorante dos frades repetia que os albigenses eram homens dissolutos, sem moral e sem religião, dados aos vicios e commettendo todas as torpezas, censuradas outr'ora aos primeiros christãos; o papa achava que os seus sectarios eram ao contrario homens de costumes puros, austéros, inflexiveis, praticando todas as virtudes incluindo a tolerancia. S. Bernardo que, no seu zelo apostolico tinha precedido os legados da santa sé, tinha sido acolhido pelos albigenses friamente, mas sem colera, e, ainda que os seus sentimentos catholicos e o seu amor proprio de prégador devessem estar feridos pelo seu pouco successo, rendeu homenagem aos albigenses, dizendo d'elles: «Os seus costumes são irreprehensiveis, não fazem mal a ninguem, os seus rostos estão mortificados pelo jejum, não obteem o pão pela mandriice e trabalham para ganhar a vida.»

Deve-se render preito ao illustre frade por esta rara imparcialidade, reconhecendo que, quando elle falava assim, tinha sobre tudo em vista reprehender o clero catholico do seu tempo, cuja conducta era em tudo opposta á dos albigenses. A Santa Sé teria, sem duvida, preferido que as accusações de immoralidade dirigidas contra os albigenses fossem fundadas, porque, então, a doutrina d'estes não teria perigo e a sua submissão estava assegurada. Sabe-se com effeito, como nota judiciosamente Voltaire, que nunca nenhuma seita, nenhuma religião se estabeleceu prégando más doutrinas. Mas os homens cujos chefes, cujos eleitos, observavam o celibato melhor que os padres catholicos, que tinham e mereciam o nome de puros e sustentavam que o homem deve viver unicamente para o trabalho, eram inimigos temiveis.

Empregou-se então contra elles a calumnia; attribuiram-se ao conde de Toulouse, Raymundo VI, todas as impurezas que a imaginação fertil dos casuistas de Roma poude inventar sobre este assumpto. Enviaram-se novos legados, aos quaes se associou o celebre S. Domingos, encarregados de prégar e de espalhar, por todo o mundo, doutrinas differentes das de S. Bernardo.

O legado arcediago de Maguelone, Pedro de Castelnau chegou a Toulouse portador de o anathema lançado por Innocencio III contra os albigenses, que condemnava ao exilio, prómettendo os seus bens a quem os despojasse. O povo de Toulouse, como se devia esperar, mostrou pouca defferencia por o legado e por os seus collegas. O clero ouvindo homens que não falavam senão em supplicios, que, pretendendo-se armados d'um poder dictatorial, suspendiam e depunham os bispos, querendo obrigar os grandes a exterminar uma parte da população, o proprio clero catholico só mostrou repugnancia em supportar os legados.

Estes foram, pois, obrigados a recuar, e a deixar a cidade, perante os sarcasmos em prosa e em verso de que foram acommettidos, e os insultos ainda mais provocantes, dirigidos pelas classes menos esclarecidas. Infelizmente, um fanatico, exaltado pelas injurias dos legados, imaginou que devia vingar a honra de seu amo e dos seus concidadãos e, seguindo aquelles a uma hospedaria, assassinou Pedro de Castelnau.

O papa Innocencio III imputou naturalmente este crime ao conde Raymundo, e immediatamente, sem esperar explicações nem justificações, condemnou, em massa, o conde, os seus subditos e vassallos e convidou os barões da christandade a executar a sentença, promettendo-lhes como recompensa do sangue vertido o roubo das cidades e a posse das terras herejes.

«Sabei, diz o papa, sabei que excommungamos o conde de Toulouse; desligamos d'elle todos os que lhe estiverem ligados; permittimos a todo o catholico que corra sobre a sua pessoa, que occupe e que conserve os seus bens e que ainda mesmo que elle se mostre arrependido, não deixe por isso de o fazer soffrer a pena que mereceu. Expulsae-o e aos seus defensores e roubae-lhe as suas terras. Absolveremos de todos os peccados aquelles que se armarem contra estes empestados Provençaes, raça preversa e má. Vamos, pois, soldados de Christo!

vamos, noviços da milicia christã! Que o universal gemido da egreja vos excite! que os herejes desappareçam e que as colonias de catholicos se estabeleçam em logar d'elles!» (1)

Esta linguagem devia ser ouvida por tudo quanto havia de fidalgos ladrões e de salteadores de estrada. Ganhar a remissão de peccados, quasi sempre enorme, sem ter o trabalho de ir á Terra Santa; salvar-se, adquirindo despojos e satisfazendo a paixão de matar, a paixão militar que quasi todo o mundo possuia então, era um engôdo que não podia deixar de levar um exercito immenso a alistar-se sob as bandeiras da egreja. O duque de Bourgogne, os condes de Nevero, de Auxerre, de Genève; o conde de Simon de Montfort, dois arcebispos, uma multidão de bispos, cavalleiros, roteiros, vadios, vagabundos correram á voz do santo padre. Formaram-se trez corpos de exercito em Puy, em Lyon e em Bordeaux, sob o commando dos condes e a direcção d'Arnould, legado da Santa Sé.

O conde Raymundo de Toulouse teve um momento de fraqueza vendo aquella avalanche a cahir sobre o seu paiz. Justificou-se do assassinato de Castelnau; mas isto não satisfez aquelles para quem a morte do legado não era senão um pretexto. Humilhou-se, fez confissão publica de crimes que não tinha commettido, deixou-se fustigar na egreja pelo notario do papa e prometteu concorrer para a extincção da heresia. Foi mesmo a Lyon, tomou a cruz e enfileirou-se entre os seus proprios inimigos.

Por todas estas fraquezas, este desgraçado apenas obteve não ser o primeiro a ser attacado. Conceder-lhe um armisticio estava, de resto, na politica de Innocencio III, que tinha traçado elle proprio o plano de campanha dos cruzados, ordenando-lhes que não attacassem os senhores albigenses todos ao mesmo tempo, mas uns atraz dos outros afim de não os obrigar a unir-se para sua defeza commum. A illusão que se tinha feito crear ao conde de Toulouse, permittindo-se-lhe que entrasse no numero dos cruzados, fez, effectivamente, com que a hoste papal, quando penetrou no Languedoc, não encontrasse na sua frente senão uma fraca parte das forças que deveriam oppor-se-lhe.»

Isto é interessante. Por isso mesmo havemos de continuar.

Continuam as tropelias de composição e revisão. No ultimo artigo sahiu, entre outras, esta: *Pedros de Lyão* em vez de *Pobres de Lyão*.

O nosso compositor ou revisor é que está um Pedro, ou Pedrinho, cada vez mais perfeito e completo.

Principio de incendio

Hontem, pelas 3 horas da tarde, déram as torres signal de incendio. Averiguado o caso, soubemos que era na chaminé d'uma casa de pasto, na rua dos Tavares. Accudiu-se-lhe a tempo, não havendo a lamentar senão a ignorancia dos nossos policias que, por não saberem lêr os signaes, tocam quantas badaladas lhe apraz, variando-lhes o numero a seu talante, e desorientando assim os que teem de prestar os seus serviços.

Não haverá meio de obstar a tal disparate?

Pedimos a attenção do sr. commissario de policia para este facto.

(1) Que santo papa! Que santa religião! E como a besta do Fernandes é bem um élo d'esta cadeia de bestialidades e de atrocidades!

PROCEDIMENTO D'UM PADRE

Um amigo nosso, de Cacia, ha pouco chegado da capital, contou-nos o caso que vamos referir, succedido entre um padre seu conhecido, parocho d'uma freguezia aldeã, e uma camponeza ainda moça, na frescura da idade, e sua fregueza.

Havia muito que o parocho, diz o nosso amigo, perseguia insistentemente a rapariga com propostas deshonestas, em verdade impróprias d'um pastor d'almas, d'um director de consciencias, sem, comtudo, conseguir realisar os seus intentos libidinosos, porque a rapariga resistia sempre como uma praça d'armas, não cedendo a nada, indifferente a promessas, não de casamento, porque tal não lhe podia prometter o padre, mas de cordões d'ouro e d'anneis, de tudo, em summa, que póde tentar a ambição feminina, d'esses pequenos nadas que, como elles dizem nos sermões quaresmaes, o diabo inventou para seduzir as almas. Mas a alma da rapariga não se deixou seduzir pelas luzentes promessas do diabolico parocho. Resistiu. A resistencia irritou o pobre pastor a quem, pelo que se vê, mais impressionam as tentações criminosas da carne do que os preceitos de que se diz evangelista. Devorado pela paixão, sem pudor, sem dignidade, fez escandalo publico, no seio do proprio templo, na presença de grande numero de parochianos que alli se achavam, á espera de vez, para depôr nos ouvidos de tão exemplar pastor os segredos mais recatados da sua vida intima, familiar. A rapariga era d'esse numero. Approximou-se do confessionario, ingenuamente confiada em que alli, no templo de Deus, no tribunal da penitencia, não teem ingresso as paixões vis, os tôrpes sentimentos que degradam e aviltam até á lama a dignidade humana. Mas no intimo do padre ardia a sêde da vingança e qual outro vendilhão do templo, fez do confessionario barraca de pelotiqueiro, rompendo em impropérios contra a rapariga, chamando-lhe em alta voz «relaxada», etc., etc., e recusando-se a confessal-a.

Um bello exemplo, uma optima lição de moralidade que feriu as consciencias simples do povo!

Mas o mais extraordinario, continúa o nosso amigo, é que a auctoridade ecclesiastica decerto não ignora o succedido; e que faz ella. Nada?

Persegue um parocho uma sua parochiana com propostas criminosas; a parochiana, mais digna do que o padre, resiste; o padre tenta perdêl-a no conceito publico, insultando-a torpemente na egreja, em presença de numerosos fieis, á hora das confissões, recusando-se, além d'isso, a cumprir as suas obrigações parochiaes, confessando a ingenua penitente, bem mais digna do que esse tartufo de sotaina; dá-se toda esta série de successos ignobeis, immoraes, e as auctoridades ecclesiasticas fazem tréva sobre o succedido!

E' espantoso!

Espantoso? Não, nós achamos tudo isto muito harmonico com os habitos e processos da seita; e, porisso, simplesmente, diremos, para fechar:—Está conforme.

Esse padre é um devasso, mas não o unico. O povo que o atura, uma besta de carga, a quem falta a dignidade das cavalgaduras dos almocreves.

Estas, ao menos, sempre teem um bom par de coices com que protestam, o mais das vezes, a tempo. A besta-humana, pelo contrario, fica muitas vezes a perder de vista ao lado da nobre energia de taes alimarias.

Companhia infantil de zarzuela

Acha-se em Aveiro esta companhia, composta de 40 creanças de ambos os sexos, de 6 a 12 annos de idade, e de que é director o maestro D. Juan Bosch. Deu hontem no nosso Theatro o primeiro espectaculo com as zarzuelas em 1 acto: «La Verbena de la Paloma», «El duo de la Africana» e «La Viejacita».

Hoje dá a segunda e ultima récita.

A companhia segue viagem para as Ilhas.

No proximo numero diremos as nossas impressões.

Um thesouro encamisado

Em Oeiras de baixo, concelho de Azambuja, morreu ha dias Joaquim Felismino, rodeado de tal miseria que nem tinha uma camisa em casa com que fosse para a cova.

O mais engraçado do caso é que uma mulher que vivia da mendicidade emprestou á viuva do infeliz uma camisa, recordando-se no dia seguinte que a camisa emprestada era uma que tinha 14 notas de 20$000 réis cosidas á fralda!

Foi á viuva pedir-lhe as notas, mas ella negou que as tivesse encontrado. A mendiga foi á auctoridade apresentar queixa do facto, e então a arguida confessou e entregou o dinheiro.

A mendiga, agora, não encontra quem lhe dê nem 5 réis, pois que muitos dos que a soccorriam teem menos dinheiro do que ella!

AO SR. MINISRO DA JUSTIÇA

A licença concedida ao sr. juiz de direito d'esta comarca Francisco Antonio Pinto que, após a audiencia de 5 de abril corrente, entregou a vara ao seu primeiro substituto, póde considerar-se uma fuga desairosa de s. ex.ª, principalmente agora que começámos e estamos dispostos a levar perante o ex.mo Ministro da Justiça as queixas a que o seu procedimento como magistrado dá logar.

E continuarmos nós outros com esta secção póde trazer á idéa dos nossos leitores, perante aquelle facto, o antigo proverbio: *não vale bater em homem morto*. E' certo, porém, que s. ex.ª está morto só *temporariamente*, e os povos da comarca não pódem sujeitar-se a atural-o novamente sem que os poderes superiores façam incidir as suas vistas sobre a fórma porque está administrando a justiça, e sem que, de qualquer maneira, remedeiem este estado de cousas cahotico e absolutamente intoleravel.

Assim não poupemos o sr. juiz Francisco Antonio Pinto. Apresentemol-o na arena da opinião publica tal qual é, sem o infamar, sem deturpar a verdade, para que d'elle todos tenham conhecimento.

Apresentemol-o tal qual é, sem exageros, e fundamentemos em factos que, ao primeiro signal, provaremos, as nossas reclamações, que são as de uma comarca inteira.

* * *

O julgamento de Jorge Pereira da Silva, a sentença que o absolveu, é tudo que ha de mais anormal: a narração que d'elle fizemos, e a ligeira critica que apresentámos á sentença, só por si bastam para classificar o magistrado.

Effectivamente. Mas ha mais, muito mais que diz da vontade do sr. juiz Pinto no cumprimento das suas obrigações, e da sua competencia no exercicio do seu logar.

Ainda mesmo que não quizessemos contar que s. ex.ª no mesmo dia e á mesma hora despacha requerimentos eguaes de fórma differente, e com mais ou menos vantagem para as partes conforme a maior ou menor sympathia que tem pelos advogados signatarios, s. ex.ª com o que sabemos e traremos a publico, não ficaria em muito boa situação.

E' certo, porém, que este facto, por natural e simples reflexão, diz muito.

No mesmo dia e á mesma hora, se bem que em processos differentes e por diversos cartorios, appareceram ao despacho do sr. juiz Pinto dois requerimentos, nos quaes, egualmente, se percindia de testemunhas que se haviam indicado para inquirição.

N'aquelle assignado por advogado que não estava nas boas graças de s. ex.ª, mandou-se tomar o termo de desistencia e fazer o processo concluso para a respectiva sentença: n'aquelle cujo advogado gosava a estima de s. ex.ª o requerimento mandou-se juntar aos autos para os effeitos devidos. Quer dizer: o primeiro custou á parte que se fizera representar por advogado não sympathico ao sr. Pinto 2 ou 3 mil réis; o segundo, que teve os mesmos effeitos, custou 100 réis, preço do papel.

Tableau!

O sr. Antonio d'Azevedo, quando ministro da justiça, publicou uma lei regularmente conhecida por lei dos despejos de predios urbanos, em que muito se favorecem os senhorios, permittindo acções de andamento rapido e pequena despeza.

Manda a lei que quando ao senhorio não convenha a continuação do arrendamento da sua casa que alugou a mez, ou por periodo não superior a seis mezes, deve elle avisar o inquilino com a antecedencia de seis dias antes do ultimo do contracto, perante testimunhas, para que ponha escriptos, e despeje no dia proprio. E que, feito este aviso, requeira ao juiz, para maior segurança, a citação do inquilino para que effectue o despejo no mencionado dia, sob pena de, por sua conta se proceder ao despejo judicial. Se no praso de 24 horas depois da citação o inquilino nada oppozer, o processo será immediatamente julgado, e passadas as 24 horas seguintes, se o despejo se não tiver effectuado, será feito por ordem do juiz.

Em 29 de novembro do anno passado, Olivia Pinto, d'Ilhavo, requereu o despejo da arrendataria de uma sua casa na Costa Nova, a quem já havia feito o respectivo aviso; o praso acabava no dia seguinte. A citação foi feita em 29 á tarde. Em 30 não foi o predio despejado nem houve qualquer opposição.

Em 4 de dezembro Olivia Pinto requer, visto a arrendataria não ter saido, o despejo judicial. O seu requerimento é indeferido por extemporaneo.

O escrivão havia-se esquecido de levar o processo ao despacho.

Requer-se, pois, que o despejo fosse julgado e que, seguida-

---

(33) **FOLHETIM**

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

—

CAPITULO XII

Os archeiros avançaram um a um e atiraram como bons e valorosos companheiros. Das vinte e quatro frechas arremessadas successivamente, dez espetaram-se no alvo e as outras passaram tão perto d'elle que, attendendo á distancia, foram tomadas como bons tiros. Das dez que tinham alcançado o alvo, duas que ficaram no circulo interior foram atiradas por Huberte, couteiro ao serviço de Malvoisin, que foi, portanto, declarado vencedor.

— Então, Locksley, disse o principe ao atrevido *yeoman* com um sorriso de escarneo, queres medir-te com Huberto ou entregar o arco, o boldrié e as frechas ao preboste dos jogos?

— Visto que é o melhor que tenho a fazer, respondeu Locksley, vou tentar a minha sorte, mas com a condição de que depois de eu ter atirado com duas frechas no mesmo alvo d'Huberto, elle ha de atirar uma ao que eu lhe propuzer.

— E' justo, respondeu o principe, e eu não me recuso a isso. Huberto, se venceres este parlapatão, enchererei a trompa de *pennies* de prata.

— Um homem não póde fazer mais do que é possivel, respondeu Huberto; mas meu bisavô serviu-se de um arco famoso na batalha de Hastings e eu não quero deshonrar a sua memoria.

Foi tirado o primeiro lavo e substituido por outro do mesmo tamanho. Huberto, que, como vencedor no primeiro desafio, tinha o direito de atirar primeiro, visou o alvo com grande attenção, medindo por muito tempo a distancia com os olhos, segurando na mão o arco esticado e com a frecha posta sobre a corda. Por fim, deu um passo para a frente, levantou o arco até o meio lhe ficar na altura do rosto e puxou a corda para a orelha. A frecha cortou o ar sibilando e espetou-se no circulo interior do alvo, mas não exactamente no centro.

— Não attendeste á influencia po vento, Huberto, disse o seu antagonista esticando o arco, aliás a pontaria teria sido melhor.

Dizendo isto, e sem se dar ao incommodo de visar por um só instante, Locksley collocou-se no logar marcado e despediu a sua frecha tão desleixadamente na apparencia como se nem sequer tivesse olhado para o alvo. Ainda estava falando quando a frecha deixou o arco, e no entanto ella cravou-se duas pollegadas mais perto do centro do que a de Huberto.

— Pela luz dos céos, disse o principe para Huberto, se te deixas vencer por este tratante, mereces que te enforquem!

Huberto tinha uma phrase predilecta para todas as occasiões:— Ainda que Vossa Alteza me mande enforcar, disse elle, um homem não póde fazer mais do que é possivel. Mas meu bisavô serviu-se de um arco famoso...

— Os diabos levem teu bisavô e toda a sua geração, interrompeu o principe; atira, maroto, e vê se atiras bem, se não, pobre de ti!

Assim exhortado, Huberto retomou posição e não desprezando o conselho que recebera do seu adversario, contou com o leve sopro de vento que acabava de se levantar, e atirou tão dextramente que a frecha acertou exactamente no centro do alvo.

— Viva Huberto! Viva Huberto! bradou o povo, que se interessava mais por uma pessoa conhecida do que por um estrangeiro. «No centro! no centro! Viva para sempre Huberto!»

— Como has de tu fazer ainda melhor pontaria, Locksley? disse

mente, nas 24 horas seguintes, se effectuasse a diligencia judicial.

Este requerimento foi mandado, por despacho, nos autos. Feito o processo concluso, apparece a sentença julgando o despejo por confessado.

Mas, ó sabedoria! ó... ó sabedoria!

Manda-se intimar a sentença ás partes! Novo requerimento em que Olivia Pinto diz, com citação dos diversos artigos da lei, que, em virtude de nas 24 horas seguintes á citação para o despejo, não haver, por parte da arrendataria qualquer opposição, o despejo deveria ter sido immediatamente, e sem dependencia de requerimento, julgado, e que, passadas novas 24 horas, não estando o predio vasio, se tinha de proceder judicialmente. Que por isto, e por não ter responsabilidade no esquecimento do escrivão, requeria que se ordenasse, com as formalidades da lei, que o predio fosse despejado pela justiça.

Este requerimento foi tambem mandado nos autos e feito o processo concluso, apparece com um despacho em que se diz que, o facto de o processo se não ter julgado no devido tempo, implicava modificação nos direitos e obrigações da arrendataria (!!!) que elle juiz tinha de attender, e que, por isto, só passados os 10 dias, em que a sentença fazia transito, podia ordenar o despejo judicial, se novamente lhe fosse requerido.

Uf! E dizem que não ha genios!

Geniosissimos!

De sorte que o processo que se iniciou em 29 de novembro e que, por lei, devia estar concluido o mais tardar em 4 de dezembro, só acabou em 23 ou 24 de janeiro, porque só então se conseguiu o despejo do predio.

O processo que, por lei, custava o maximo 3 mil réis, custou perto de 16, e tudo isto porque Olivia Pinto teve a infelicidade de procurar advogado que não estava nas boas graças do sr. juiz Francisco Antonio Pinto.

*
* *

Ora como estas, muitas que successivamente iremos contando para pasmo do mundo, e edificação das gentes!

Mesmo sem commentarios, lavraremos a sentença do sr. juiz Pinto que, para seu bem, socego e tranquillidade da comarca, para decôro da magistratura, segurança da justiça e da lei, deve tornar illimitada a sua licença e não mais voltar a Aveiro, que não é terra de pretos nem tem hypopotamos para caçar.

O que devemos dar a nossas filhas?

Eis o que um jornal americano responde:

Dae-lhes uma instrucção elementar. Ensinae-as a preparar alimentos substanciosos, a lavar, engommar, remendar meias e a fazer sua propria roupa.

Ensinae-lhes a fazer pão e explicae-lhes, que uma boa cosinha tira muito dinheiro da botica.

Fazei-as bem entender que um mil réis é um mil réis e que só sabe economisar quem gasta menos do que ganha.

Mostrae-lhes que um vestido de chita, que se pagou, assenta muito melhor do que um de sêda fiado.

Informae-as de que o rosto são e cheio, vale mais do que cincoenta bellezas languidas e cançadas de bailes e theatros.

Deixae-as fazer suas compras e averiguar se o debito corresponde ao credito.

Fazei-as independentes, briosas, activas e verdadeiras.

Convenceias, no tempo proprio, de que é melhor um operario honrado, sem fortuna e com sua roupa de burel, do que o elegante e nobre caloteiro.

Fazei-as trabalhar no quintal e conhecer os segredos da natureza.

Se poderdes comportar as despezas, deixae as aprender musica, pintura e outras bellas artes, porém de menor importancia.

Festas da Semana Santa

Como os de mais annos começam hoje n'esta cidade as tradiccionaes festas da Semana Santa.

Em alguns templos haverá officio de trévas, acompanhadas a grande instrumental.

Na quinta-feira, de tarde, sáe a procissão da Misericordia, que visita algumas egrejas, onde ha exposição.

CARTAS DA GAFANHA

Meus amigos.—Não tomem á má parte a minha longa trégua aos comesinhos assumptos tratados nas *Cartas da Gafanha*. A methodica azáfama da vida agricola d'este povo de costumes patriarchaes, já mal acceites por discolos incipientes, cria um meio sáfaro de informações: nem uma tirada bucolica pude ainda colher; nem uma desordem em que o varapau ensarilhe em furiosas arremettidas; nem uma facada; nem um assassinato; nem nada. Faltou a tia Joanna da Gramata, rude structura que parecia desafiar a inclemencia dos seculos, e sente-se ainda o vacuo nas glorias contemporaneas, da Gafanha; e atraz da celebre velhinha tem seguido para a eternidade um nucleo de *maduros*, tambem glorias longevas cá da terreola, que fecharam o cyclo de uma geração de Mathusalens, *salvo seja*.

A tia Joanna era um monumento. Muitos *touristes* o visitaram, affrontando a travessia dos areiaes, para chegar até á cabana da virago.

Fumava muito. As visitas que já lhe conheciam o vicio, não esperavam pela semceremonia de ella lhes pedir tabaco: offereciam-lh'o de mistura com a saudação, se é que primeiro não a faziam preceder d'um cigarro que a velhota acceitava logo, n'um vivo alvoroço de agradecimento. Estava lançado o isco: desataramelava a lingua, e cil-a em termos arrevezados e d'entonação másculla, discorrendo sobre a historia da sua terra com a autoridade da sua certidão de baptismo cuja data se ia perder na noite dos tempos idos.

Ouvi dizer ha dias a uma vergontea da tia Joanna, que o era no 6.º grão e contava já os seus quarenta e tantos annos,—que *a sua avó «Malecca»* (tambem era chamada assim) devia ter 115 annos quando a Morte lhe venceu a pertinacia. Em seguida referiu-me una tentativa de roubo de que ella foi victima, e que não deixa de ter graça. Na decrepitude perdeu a vista, e o ouvido tambem não se conservou muito integro. N'uma noite de dezembro, um gatuno audaz arromba-lhe a porta da casa, dirige-se á salgadeira, allivia-a dos melhores nacos de toucinho e vae pôl-os fóra da habitação da tia Joanna. Volta o ladrão alli, no intuito de completar o saque com o dinheiro que supunha existir mergulhado na trelba do milho, dirige-se á alcova nupcial, onde bruxoleia uma candeia de azeite em frente do santuario, e os esposos descançam das fadigas da lavoura. O chefe do casal dorme profundamente, e a esposa murmura preces, olhando com o espirito para o Christo do oratorio. E' n'este socego d'alma que o intruso surprehende o thalamo, e intima n'um brado soturno:—«A bolsa ou a vida.»

A tia Joanna, cega e mouca, e desvairada com os pruridos do somno, toma a nuvem por Juno, e acorda bruscamente o marido que resona a seu lado:

— *Eh home!* vae dar esmola a esse *pobresinho*...

O tio Gramata abre os olhos, ouve a intimativa do larapio e, emquanto se sente na beira da cama para compôr o vestuario e aproveitar breve o ensejo de desarmar a pretenção do extranho visitante, segura-o, rapido, pelos braços e tronco, suspende-o, condul-o até fóra da casa e com um impulso vigorosissimo arroja-o para longe, acompanhando-o com uma praga formidavel.

O larapio, colhido em flagrante erro de officio, não esperou por novo accesso de cholera, que poderia ir mais correcto e augmentado. A visinhança alarmada, com o ruído do conflicto, accudiu, e ajudou a reintegrar na salgadeira os toucinhos que o larapio deixára, no egoismo de obter mais farta colheita.

A tia Joanna ficára na cama, e quando o marido voltou ao quarto, perguntou-lhe ella:

— *Antão que déstes ó pobresinho?...*

*
* *

Falleceu ha dias em Ilhavo um filho do sr. Joaquim Simões Ramos, agente da «Companhia Fabril Singer» n'aquella villa. Este cidadão, tendo repudiado a orthodoxia da religião catholica, abraçou as doutrinas da Egreja anglicana, iniciando tambem os filhos na mesma religião. Já se vê, o sr. Ramos dispensou as orações e demais ceremonias catholicas quando teve de mandar proceder á inhumação do cadaver de seu filho; e dada a circumstancia de ser Ilhavo uma terra cerriçada de catholicos fervorosos, o acto funebre foi desrespeitado com uma insania que se explica, mas não se desculpa.

Os vendilhões que Christo azorragou ha tantos centos de annos, continúam ainda a fazer no templo descarada mercancia. E o Zé-clerigo e o Zé-povinho nem ao menos respeitaram a dôr d'aquelle pae no transe angustiosissimo de se separar da tenra vergontea da sua alma!

Na Hottentotia o sr. Ramos encontraria de certo mais linitivo para a sua desdita.

M.

O professor de instrucção primaria de Hesslchons envenenou-se com 7 filhos por meio de acido prussico.

Suppõe-se que procedeu assim por ter commettido um desvio de fundos do Banco onde tambem estava empregado como secretario.

VILANCETE

Embora, Senhora, andeis
De finas telas vestida,
Por meus olhos sois despida.

De clara hollanda vestis
Vosso corpo, linda Infanta,
Bello rocal de rubis
Vela-me a vossa garganta;
Trazeis manto de velludo,
Garbosa saia comprida,
Mas, apezar d'isso tudo,
Por meu olhos sois despida.

Atravez das ricas vestes,
Que vos vestem, linda Infanta,
Advinho os dons celestes
Do vosso corpo de Santa;
Vossas vestes de setim,
Vestes com que andais vestida,
De vidro são para mim:
Por meus olhos sois despida.

Vejo-vos só mãos e cara,
Mas não preciso ver mais
Para calcular a rara
Graça do que me occultaes...
Para quê rendas e folhos,
Se por estes tristes olhos,
Por meus olhos sois despida?

EUGENIO DE CASTRO.

«Mysterios da Inquisição»

Recebemos os tres primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é editada pela Companhia Nacional Editora, o que agradecemos.

Cultura da beterraba

Uma importante casa franceza pretende adquirir nos Campos de Coimbra 3:000 hectares de terreno para a cultura da beterraba aproveitada na industria extractiva de assucar, fundando um importante e vasto estabelecimento para este fabrico.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Cada fasc. de 48 pag., papel de luxo, magnificamente impresso em typo elzevir e com uma formosissima estampa a 12 côres—120 réis.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escalpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma maguifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55⋈0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas pódem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

No confissionario:

— Quantos são os inimigos da alma?

— No anno passado eram trez.

— Hein?

— Sim, senhor; eram trez e hoje são quatro: mundo, diabo, carne e... minha sogra.

RECREIO ARTISTICO

Continuação das prendas offerecidas para o bazar:

Maria d'Apresentação Casimiro e Silva, uma pregadeira de seda;

Luiza Casimiro da Silva, uma almofada de seda com o rol de roupa branca;

Leocadia Augusta Casimiro da Silva, um par de jarras;

Maria da Conceição Casimiro e Silva, uma bacia clorida com ouro;

Joanna Rosa de Mattos, um *passe-partout* de louça com um chromo;

Joanna Maria Rodrigues, um cinzeiro;

Maria Ernestina Peixinho, uma pregadeira, e um par de jarras;

Maria da Annunciação Silva, 3 chavenas e pires, e uma lata para chá;

Augusto Carvalho dos Reis, dois bonecos de barro;

Francisco de Souza Marques, 5 frascos de conserva;

Gonçalves & Sá, 12 garrafas de licôr fino;

(Continua).

ANNUNCIOS

ANNUNCIO

Por escriptura publica de 22 de março do corrente anno, lavrada nas notas do notario Baptista da Cunha, da comarca d'Agueda, foi dissolvida a sociedade commercial que por contracto de 10 de junho de 1890 se havia formado entre Fernando Homem Christo e Antonio Ponce Leão Barboza para exploração da fabrica de cortumes sita n'esta cidade, á rua da Malhada, ficando todo o activo e passivo á conta do socio Antonio Ponce Leão Barboza.

Para os devidos effeitos se faz o presente annuncio.

---

o principe com um sorriso insultante.

— Fazendo um golpe n'aquella frecha, replicou Locksley.

E apontando a sua com um pouco mais de cuidado do que anteriormente, acertou na do seu competidor, que ficou feita em pedaços. O povo que estava em roda ficou tão espantado com uma tal prova de dextreza que não poude manifestar o seu assombro pelas acclamações usuaes.—«E' um diabo e não um homem de carne e osso!» murmuravam os archeiros entre si; «nunca se viu nada assim desde que pela primeira vez se esticou um arco na Inglaterra.»

— Agora, disse Locksley, peço licença a Vossa Graça para plantar um alvo como os que se usam no norte; e honra ao valoroso *yeoman* que tentar acertar-lhe para alcançar um sorriso da gentil rapariga que mais amar.

E voltou-se para sahir da liça.

—Podeis mandar-me seguir pelos vossos guardas, se quizerdes, disse elle. Eu vou cortar uma vara ao salgueiro mais proximo.

O principe fez signal aos seus servidores para o seguirem no caso d'elle querer escapar-se; mas o brado geral de censura soltado pela multidão fez-lhe revogar essa ordem affrontosa.

Locksley voltou quasi no mesmo instante com uma vara de salgueiro, perfeitamente direita e um pouco mais grossa do que um dedo pollegar. Começou a tirar-lhe a casca com todo o sangue frio, observando ao mesmo tempo que dar a um bom atirador um alvo tão grande como o que servira até então era fazer injuria á sua destreza.—Pela minha parte, dizia elle, e na terra em que nasci, seria o mesmo que tomar por alvo a tavola redonda do rei Arthur, em torno da qual podiam estar sentados sessenta cavalleiros. Uma creança de sete annos acertaria além com uma frecha sem ponta. Mas, accrescentou elle marchando deliberadamente para a outra extremidade da liça e cravando no chão a vara de salgueiro, aquelle que acertar n'este alvo a cem jardas de distancia, a esse chamarei eu um archeiro digno de trazer arco e aljava deante de um rei, ainda que elle seja o valente rei Ricardo.

— O meu bisavô, disse Huberto, serviu-se de um arco famoso na batalha de Hastings, mas nunca se lembrou de atirar a um alvo semelhante. Se este *yeoman* rachar a vara, eu entrego-lhe o meu escudo, ou antes dou-o ao diabo que elle tem dentro do gibão e não á dextreza de um homem; um homem não póde fazer mais do que é possivel e eu não atiro porque tenho a certeza de errar o alvo. Querer acertar n'aquella linha branca e trémula que mal se distingue, seria o mesmo que visar ao gume da faca do meu parocho, ou a uma palha de trigo, ou a um raio de sol.

— Grande covarde! exclamou o principe João.—Atira tu, Locksley; se acertares, reconhecerei que ès o primeiro atirador que tenho visto. Mas não has de poder gabar-te por uma só prova de dextreza.

— Farei o melhor que puder, como diz Huberto, respondeu Locksley; nenhum homem póde fazer mais.

Dizendo isto, arqueou novamente o arco, mas d'esta vez examinou-o com attenção e mudou-lhe a corda, que, um pouco roçada pelos dois tiros precedentes, já não estava perfeitamente redonda. Depois visou o alvo cuidadosamente, emquanto a multidão esperava o resultado contendo a respiração e no mais profundo silencio. O archeiro justificou a opinião formada sobre a sua pericia: a sua frecha rachou a vara de salgueiro contra a qual fôra atirada. Seguiu-se uma explosão de acclamações, e até o proprio principe, admirando a dextreza de Locksley, se esqueceu por um instante da antipathia que elle lhe inspirava.

(Continua.)

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encommendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

Hotel Cysne
Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo aceio e seriedade com que se trata

Excellente serviço de meza

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCÕES — **AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

---

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

BARRA—PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo se vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

Vinho de Collares — Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO

Rua da Alfandega

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO

FERRAGENS,

zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO